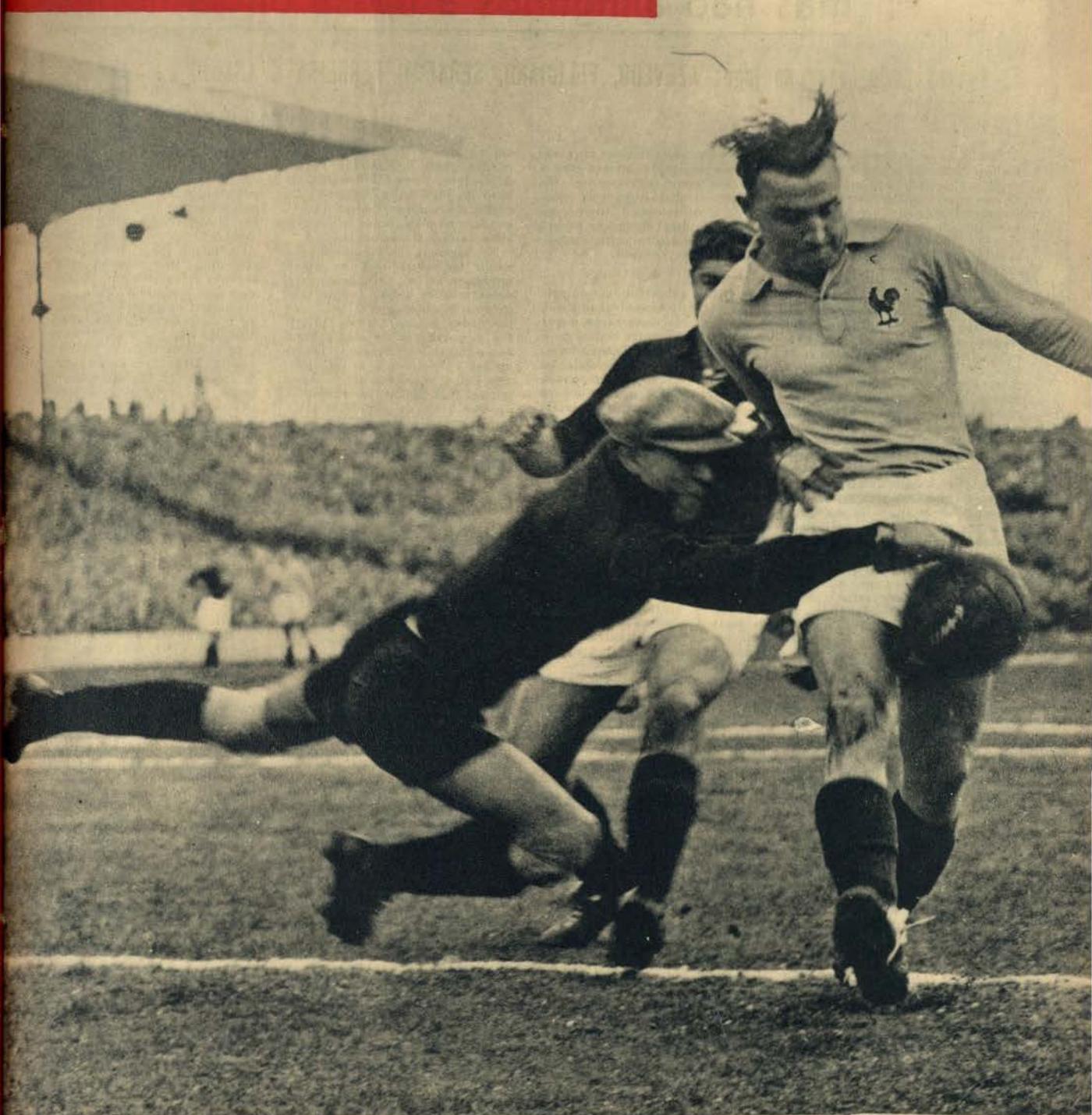


Stadium

Portugal-França

Azevedo, uma das grandes figuras da nossa equipa, lança-se decididamente! Bihel ataca com ímpeto, perseguido por Feliciano, mas o guarda-rede nacional não consente o remate



N.º 225

26 DE MARÇO DE 1947

REVISTA DESPORTIVA

2\$50

Arrancámos em Paris um bom resultado

mas não atingimos a nossa bitola normal

As figuras portuguesas do jogo: AZEVEDO, FELICIANO, SERAFIM, FERREIRA e ARAÚJO

CRÓNICA DE TAVARES DA SILVA

PARIS, 24 — Ao partirmos de Lisboa, trazendo a esperança no coração, dissemos que já era tempo de *começarmos a vencer no estrangeiro*, pois, dentro de casa, havíamos mostrado uma força invulgar. Sabíamos perfeitamente as dificuldades que vínhamos encontrar: o ambiente, o terreno, e a pernicioso influência desse ambiente no jogador que se estreia. E nós tínhamos no *team* português, especialmente no sector da frente, quatro homens virgens em *matches* internacionais no estrangeiro. Apesar disso — confiámos. Porque, dizíamos com os nossos botões, até hoje nunca se conseguiu um tão forte lote de chutadores, e é a marcar bolas que se ganham os encontros. Afinal, a linha avançada falhou, e os dianteiros (exceptuando Peyroteo, experiente, e Araújo, que traz dentro de si um temperamento de lâmina!) acusaram mais do que seria de prever a sua estreia. Quando, ao acabar a primeira parte, suportávamos apenas um-zero contra, acreditámos sinceramente, pelo menos, no empate. E a *igualdade* seria o melhor caminho da vitória. Bastava para isso que o grupo nacional tivesse força de vontade, que soubesse prever, que jogasse uma parcela mínima com o *desejo de vitória* manifestado contra Espanha. Mas isso não sucedeu. O Grupo Nacional, ao atacar, fê-lo por vezes com harmonia, um ar de demonstração, como quem está em campo disposto a mostrar que sabe do jogo, mas sem espírito de competição. Preferíamos antes o lado prático, não fazer desenhos preciosos mas contar *goals*. O juiz de linha francês, um homem simpático, Sdez, dizia-nos na camioneta, a caminho do hotel: — Esta equipa portuguesa fez uma espécie de futebol de melhor quilate que o nosso, joga muito mais do que a última que vimos em Paris, mas aquela tinha uma *vontade* que esta não demonstrou.

O caso não é para desanimar. Primeiro, porque perder em Paris por um *goal* não deixa de ser, no fim e ao cabo, um resultado honroso. Aqui caíram na época finda todas as equipas que se apresentaram. Depois, por nos parecer que, mais *jogada* no estrangeiro, a linha portuguesa, particularmente no sector do ataque, melhorará imenso, afirmando por certo o seu poder de realização. Em todo o caso, não deixa de ser aborrecido sentir-se que temos força, que podemos ven-

cer, e vermo-nos na dura necessidade de nos contentarmos com o chamado *resultado honroso*. De que serve trabalhar com fé, tenacidade e orientação? Nós perseguimos a ideia de vencer no estrangeiro, e acalentamos a esperança de a ver realizada.

Deduz-se perfeitamente da primeira parte do nosso trabalho que o desafio teve duas caras, e que se viu uma ou outra conforme o capricho do vento, soprando forte, e juntando essa dificuldade ao estado do terreno, com pouca relva, brando em desafio e com pequenas covas que davam efeitos estranhos à bola: um primeiro tempo em que os franceses, havendo escolhido a favor do vento, dominaram quase que por completo; e uma segunda parte de vantagem dos portugueses, embora menos acentuada que a do seu adversário. O único *goal* da partida coube a Bihel, avançado-centro, a 4 minutos do fim do primeiro tempo, recolhendo uma *passagem* do fenómeno Barek, batendo a bola na quina do poste vertical e entrando na baliza. A sorte fugiu-nos neste lance, mas protegeu-nos noutros. Para tudo, mas principalmente em jogo, é preciso ter sorte.

Na verdade, suportámos na primeira parte, com ânimo forte e esforçado, o vendaval gaulês. Os ataques sucediam-se a todo o instante, pelo centro do terreno ou pelas alas, originando um trabalho sacrificado da nossa defesa, que, na conjuntura, se portou à altura do sacrifício que lhe era exigido. A nossa defesa cobriu muito bem o terreno, não deixando nunca os dianteiros contrários chutarem com tranquilidade, ou em aberta, à baliza, a tal ponto que estes desanimaram um pouco, começando, então, a alvejar de longe as balizas, num esforço supremo mas improfecho para traduzirem no ponto de vista prático o domínio do território. Como sempre, não importa que uma equipa tenha vantagem territorial, é necessário que a sua organização seja suficiente para bater o adversário.

Essa vantagem acentou-se porque, jogando a nossa defesa, em conjunto, muito bem, a bola perdia-se e o fio do futebol quebrava-se, sempre que o esférico chegava ao poder dos avançados. Estes davam a impressão de não serem capazes de dominarem a bola, ou de não o saberem, para

em seguida a jogarem. Estavam positivamente diminuídos! É evidente que, nestas condições, o peso do jogo tinha fatalmente de recair sobre o *team* lusitano, obrigando-o ao mau transe de que ele, aliás, se saiu airosamente.

Na segunda parte, apesar do vento ter abrandado, as cenas mudaram-se o suficiente para deixarmos de sofrer e para lançarmos o pânico, em várias oportunidades, no *conjunto* da França. Foi a nossa vez de atacar, mas não o fizemos em massa, e muito menos aproveitando as brechas, mas entretivemo-nos em vários lances. Nós somos, ao contrário do que seria de supor, os mais implacáveis julgadores do *team* nacional. Por certo, os portugueses fizeram vários desenhos e triangulações, de belo efeito, já então, nesta altura, parando a bola, conduzindo e passando-a bem, rápidos e habilidosos, mas faltou-lhes uma coisa que se chama personalidade. Podíamos, mesmo assim, especialmente num remate formidável de Araújo, ter feito o *empate*. Que se passaria em seguida? Da Rui, contudo, num voo elegante e audacioso, matou o lance, ou então deu-lhe mais vida, que tudo depende do ângulo em que nos colocamos.

França: Da Rui (do Roubaix), Grillon (do Stade), Marche (do Rienes), Cuissard (do Lorient), Swiatek (do Bordeaux), Prouff (do Rennes), Courtois (do Sochaux), Ben Barek (do Stade), Bihel (do Havre), Heisserer (do Strasbourg) e Jacques (do Sochaux).

Portugal: Azevedo, Cardoso, Feliciano, Amaro, Francisco Ferreira, Serafim, Jesus Correia, Araújo, Peyroteo, Travassos e Rogério.

Árbitro: Barrick (Inglaterra). **Juizes de linha:** Carlos Canuto (Portugal), Sdez (França).

Como se vê, decidimo-nos, depois de pesar maduramente os prós e contras, pela formação média já utilizada de outras vezes, pela necessidade do máximo aproveitamento de uma unidade como Francisco Ferreira e ainda pelo concurso de Serafim, em *forma* magnífica sob todos os aspectos.

Jogámos no primeiro tempo um pouco para o ar, e não admira que tal tivesse sucedido. Era preciso chutar muito forte para afastar a bola, e o vento elevava-a facilmente. A prova é que depois

sucedeu o mesmo aos franceses. A equipa francesa vista no seu conjunto aparece-nos com dois pontos básicos, a sua melhor força: corpulência e magnífica compleição física; uma rapidez de movimentos impressionante. Leal e simpática a jogar, todos os seus elementos, especialmente os dos sectores defensivos, como é da praxe, nunca souberam o que é a palavra medo, batendo-se com valentia e sabendo aproveitar o corpo. A par de isso, todos muito rápidos e extraordinariamente atentos às jogadas. Jogadores com o sentido de antecipação. Quantas vezes não foram surpreendidos os portugueses! A rapidez francesa manifestou-se em curtos *sprints*, o suficiente para, em vários momentos, dominarem ou tirarem proveito da situação. Não houve um homem no *team* francês que se *encolhesse*, e gostaríamos de poder dizer o mesmo do nosso lado.

O *desequilíbrio* de ordem física manifestou-se no *team* português. Uns, estreates de força, energia e vontade; outros, apagados e no pavor das jogadas. Certos procuraram ser rápidos, e esquecendo-se de tudo (ou lembrando-se!) sacrificaram-se ao máximo. Outros correram à bola, algumas vezes, por não a agarrarem. Porque, verdade seja, a nossa tradicional rapidez não é letra morta, e ela viu-se em várias oportunidades, assim como o nosso sentido de jogo e intuição do lance a desenvolver. Na segunda parte, continuámos a afirmar-nos na defesa e melhorámos no ataque. Então, parámos e dominámos a bola, e esta foi para onde os jogadores queriam. Não era a bola que mandava nos jogadores, mas estes que a dirigiam, movendo o leme com perícia.

Os dois *teams* adoptaram no fundo a mesma tática: método tanto na defesa como no ataque. No primeiro aspecto, e por necessidade, *cada homem a uma unidade*. No segundo, o papel de orientação desempenhado pelos interiores, na sua tarefa de coordenação entre médios e avançados. Apenas com uma diferença que não é substancial: na França foi o médio-centro Swiatek que recuou; em Portugal o médio-esquerdo Serafim. No fundo, simples questão de designação. Simplesmente, seja o método o mesmo, ele foi aplicado de maneira diferente num e noutro lado.

Os franceses fizeram uma mar-

cação cerradíssima, das mais apertadas que temos visto fazer, e dela tiraram, sem dúvida, o melhor proveito. Os dois defesas perseguiram Jesus Correia e Rogério, o médio-centro o nosso Peyroteo, e os laterais Araújo e Travassos como *sombras*. Eles não podiam dar um passo, ou voltar-se, ou fazer uma corrida, sem sentirem a sealada, numa insistência por certo enervante mas eficiente, a respiração do adversário. Deve, portanto, dizer-se que os nossos dianteiros nunca tiveram os movimentos livres e não mostraram suficiente talento de desmarcação.

Ao contrário os nossos jogadores fizeram uma marcação mais larga, que nem por isso deixou de ser eficiente. De resto, desde que tal se possa fazer, a manobra do jogo torna-se mais fácil, e o futebol ganha um ar de graça e arte que perde noutras condições. Viu-se isto, apesar de tudo. Os lances mais artísticos do futebol desenvolvido em Colombes tiveram a marca portuguesa. Quando os interiores, no segundo tempo, recolheram a bola e a trocaram entre si, para em seguida orientarem o jogo, os lances empolgaram.

A arbitragem do inglês Barrick pode classificar-se de justa e recta. Não nos beneficiou, e, porventura num ou outro golpe, julgou, contra nós, mal, mal involuntariamente. Um *ofside* claro de Bihel ia-nos custando um *goal*. Em compensação, quando, perto da grande área de Azevedo, Berek, acossado por Cardoso, se atirou espectacularmente ao chão e o público requereu a *grande penalidade*, o inglês manteve a calma necessária para não se deixar embalar pelo canto da sereia.

Eis como vimos, em breve análise, o *team* da França no que se refere ao trabalho dos jogadores. Da Rui, bom guarda-redes, posto à prova poucas vezes. Grillon, seguríssimo, incutindo respeito a Rogério, e bem acompanhado por Swiatek, que vigiou Peyroteo. Prouff, excelente médio de ataque, de colocação e entrega de bola perfeitas. O melhor do ataque, em nossa modesta opinião, foi o interior esquerdo Heisserer, que movimentou tudo, lançando ora o centro ora os extremos. Ao seu

sabe jogar e aproveitou as oportunidades.

As grandes figuras do *team* português foram Azevedo, Feliciano, Serafim, Ferreira e Araújo. Cumpriram bem Cardoso e Peyroteo, não desiludindo Travassos, que, não obstante, foi uma pálida sombra. Amaro, activo, mas manifestamente inferior. Jesus Correia, mais esforçado que Peyroteo. Mesmo assim...

Azevedo executou várias defesas da melhor *classe*, saindo a tempo e no momento preciso, valente nos mergulhos e ágil nas bolas altas. O nosso guarda-redes nacional continua a dar grande confiança à equipa. Cardoso comportou-se bem, valendo o que ele vale, em momentos difíceis e graves. Foi colhido em alguns *sprints*, mas a velocidade do adversário era tal que a outro qualquer teria sucedido o mesmo. Feliciano, com uma única desatenção, por sinal grave, encheu o campo, com o seu formidável pontapé, belos golpes de cabeça, e com a sua agilidade, vigor e força, que tão bem serviram a selecção. Amaro teve muitas vezes a bola em seu poder, mas poucas a entregou em boas condições. Francisco Ferreira, melhorando à medida que os minutos passavam, atingiu na segunda parte o seu *melhor*, batalhando sem um instante de repouso, não deixando passar o adversário e *alimentando* o ataque. Serafim fez uma exibição modelar pelo acerto, regularidade, força e mesmo rapidez das suas intervenções. Teve iniciativas que ultrapassaram o âmbito da defesa.

Jesus Correia deu pouco rendimento. Em certos golpes revelou velocidade, mas recebeu o adversário e perdeu audácia. Araújo foi o melhor do ataque, em estilo de jogo, com domínio da bola e passe excelente, orientando e comandando. O melhor remate foi da sua lavra. Peyroteo comportou-se como batalhador estrénuo, admirável de energia e de força, buscando a perfuração com *élan* magnífico; foi bem o bom atleta que todos apreciamos. Travassos fez o suficiente para se tornar destacado e para a crítica francesa se deixar captar; todavia, ficou a grande distância da sua média — que diriam se o vissem, então, como ele é? Rogério estranhou demasiadamente o ambiente, mas esteve pouco activo, evidenciando falta de temperamento. Alguns portugueses que assistiram ao encontro meteram-se com ele. Certamente, os *extremos* da equipa podem dizer, como atenuante, que foram mal servidos. Verdade porém é que, quando o foram, não tiraram proveito da situação, e pelo seu lado não procuraram jogo, partindo, regra geral, atrasados para o lance. As vezes, corriam, dando a impressão de estarem a fazer todo o possível para não chegarem à bola... Deus nos perdoe se assim não é.

Enfim, arrancámos um bom resultado, mas estivemos longe do nosso *melhor* e não atingimos sequer uma bitola média. É difícil, pelos vistos, darmos no estrangeiro uma boa medida, posto que mostremos capacidade e ao mesmo tempo técnica e tática. Havemos de conseguilo, nós, todos juntos, ou outras pessoas, e não interessa quem, pois o futebol português tem qualidades que lhe dão um singular brilho.

Opiniões sobre o jogo

A Imprensa francesa faz-se eco de variadas opiniões e comentários sobre o desafio. O jornal «Equipe» ouviu as figuras mais destacadas das equipas portuguesa e francesa, bem como o seleccionador nacional, Tavares da Silva, o seleccionador francês Barreau, capitão António Cardoso, etc.

Eis o que disseram e *Stadium* traduz, para conhecimento dos seus leitores:

Tavares da Silva — O resultado é justo. A equipa francesa jogou melhor que a nossa — que não fez o seu jogo habitual. A meio do jogo o vento prejudicou-nos muito, retardando as nossas avançadas. A marcação cerrada dos franceses retardou os nossos ataques.

Gaston Barreau — Os nossos homens acusaram fadiga, motivada pelo Campeonato. Comparando o jogo de hoje com o de Lisboa, acho que se actuou bem.

Da Rui — Araújo teve um remate que me impressionou quase no fim do jogo. Na minha longa carreira «internacional» foi a primeira vez que me senti confundido. Será uma lembrança séria...

Courtois — (capitão da equipa francesa) — Gostei do resultado, que anula um tanto os efeitos da nossa derrota contra o mesmo adversário.

Cardoso — (capitão da equipa portuguesa) — O grupo francês produziu bom jogo. Melhor que o nosso. Prouff e Ben Berek impressionaram-me. Guardo de Paris a melhor recordação.

Rogério — O vosso defesa Grillon é muito forte. Da Rui, Prouff, Swiatek, Heisserer e Courtois na primeira parte também me agradaram.

Marche e Jacques — Jogámos impressionados com a estreia. Para nós, a vitória é magnífico presente.

Guissard — Sou amator, mas regresso decididamente aos jogos com os meus amigos profissionais.

Bihel, Prouff e Heisserer — (frente a frente) — Devíamos marcar duas bolas na primeira parte. Feliciano, Araújo e Travassos foram os melhores portugueses.

Capitão António Cardoso — (Delegado da Direcção Geral dos Desportos) — Muito obrigado pela vossa gentileza. O encontro foi jogado com uma correcção invulgar, e a França mereceu a vitória. Abandonou Paris satisfeito com a maneira como nos receberam.

Apreciando os jogadores, «Equipe» de segunda-feira, 24, diz:

Peyroteo não conseguiu passar Swiatek e por isso se aborreceu frequentemente; **Araújo** e **Travassos** mostraram-se ténicamente superiores, construindo bem; os vedetas portugueses: **Cardoso**, **Serafim** e **Feliciano**, este um elemento de 1.^a ordem, valente, decidido, viril. E **Azevedo**, um guarda-redes que impressionou em França.

Um discurso do capitão António Cardoso

No banquete, realizado à noite, o capitão António Cardoso, que representava a Direcção Geral dos Desportos, proferiu em francês um discurso de que recortamos as seguintes passagens:

«Desejo, em primeiro lugar, saudar o sr. Rimet, presidente da Federação Francesa de Futebol, um grande amigo e o diplomata da França desportiva no mundo inteiro.

Tenho a honra, minhas senhoras, de lhes apresentar as minhas respeitadas homenagens. Saúdo em vós a mulher francesa, a sua beleza, ternura, espírito, e principalmente qualquer coisa de indefinido que faz dela um ser diferente de todas as outras mulheres que vivem sobre a Terra.

E que diz: r senhores, depois das palavras amáveis que acabamos de ouvir, depois das gentilezas que por toda a parte recebemos? Uma palavra apenas: obrigado, obrigado de todo o coração. Vós, os franceses, tendes o talento de dizer bem, de fazer bem, de receber bem e também de jogar bem o futebol, o que não era indispensável, hoje, contra nós... Tendes o verdadeiro poder de sedução.

Entrar em França, neste belo país, «corbeille» da natureza onde o bom Deus pôs um tesouro: Paris, é sempre uma coisa muito agradável para nós, portugueses. Mas vir a Paris, em embaixada desportiva, é um prazer inextinguível.

Disse alguém, creio que Paul Morand, que quem parte deixa um pedaço do coração. E disse a verdade, porque nós começamos já a sentir os nossos corações pesados ao aproximar-se o momento de os deixarmos.

Não sabemos, certamente, o que a vida, no seu curso, proporcionará a cada um de nós, mas se um dia, no meio das duras contingências da existência, sentirdes a necessidade dum amizade sincera, lançai os olhos para a fronteira portuguesa, porque lá achareis sempre, asseguro-vos, esta amizade.

Vou terminar, meus amigos, mas não sem antes lembrar com ternura as vítimas da guerra, da resistência e da liberdade da França, cujas almas viverão sempre entre vós, prontas a encorajá-las nos momentos difíceis, ao grito de «Viva a França», que os vossos antepassados preferiram na fria estepa russa, sob as ordens do grande Napoleão.

França — Portugal. Hoje e sempre: Viva a França!

Ano V — II Série — N.º 225
Lisboa, 26 de Março de 1947

Stadium

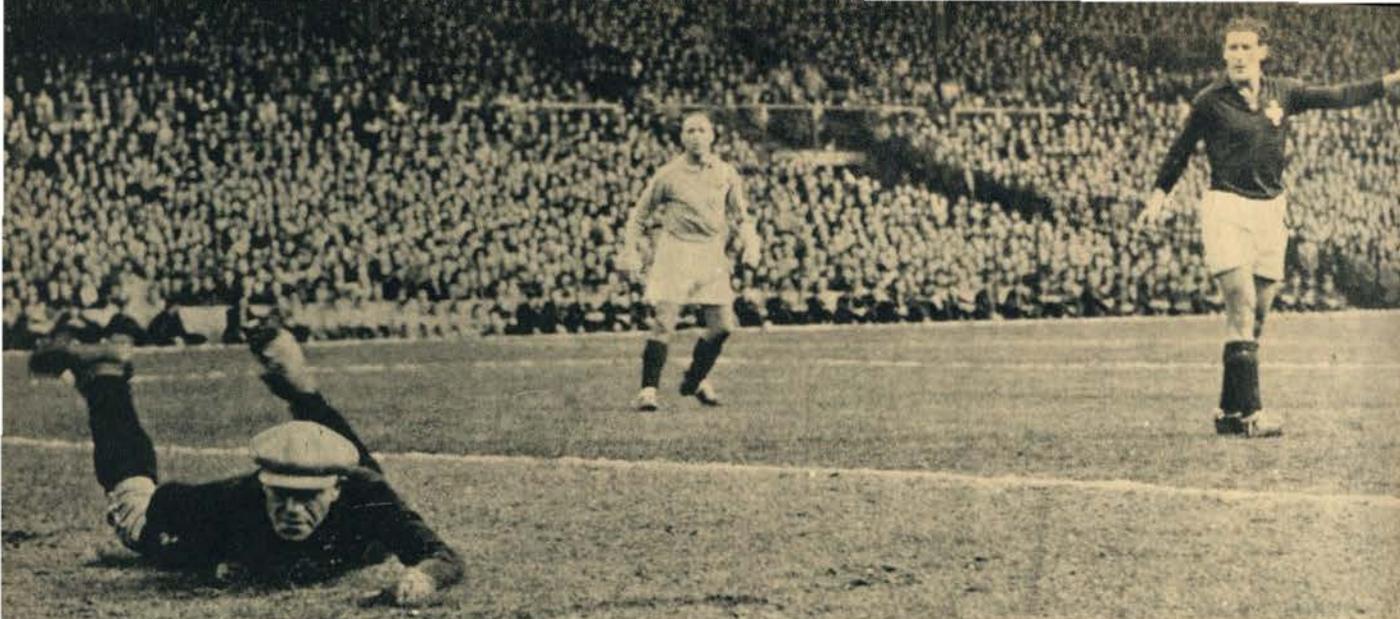
REVISTA DESPORTIVA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Travessa Cidadão João Gonçalves, 19, -3.º
Telefone, 45903 - LISBOA

Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS
Chefe da Redacção: TAVARES DA SILVA

Propriedade da
SOCIÉDADE DE REVISTAS GRÁFICAS, LIMITADA

NEOGRAVURA, LIMITADA
SILVAS, LIMITADA



Um momento de pânico, Courtois tem esperanças, Mas Serafim como que afirma: não há perigo desta vez!



Francisco Ferreira devolve, de cabeça, uma bola alta. Ao lado, Ben Barek espelra a oportunidade



Feliciano e Ferreira não deixam passar Heissler, e fazem-no com a energia que caracteriza esses dois jogadores



Heissler tenta um remate, mas contra o que se pode prever pela posição dos jogadores, não levará a melhor...



Felipe Luis, o vencedor



A equipa do Benfica — que triunfou colectivamente

Corta-mato

entre sêniores

Jogos da 2.ª DIVISÃO



Os júniores do Benfica e da Cuf, numa fase movimentada

JÚNIORES



O Futebol Benfica venceu o Amora. Eis um dos seus ataques



Uma excelente defesa do guarda-redes júnior do Sporting, contra o Oriental



A defesa do Operário aplica-se para evitar um avanço montijense

A VIDA DESPORTIVA POR ESSE MUNDO FORA

RUGBY

Inglaterra, 24-Escócia, 5

Na presença de sessenta e cinco mil espectadores realizou-se no campo de Twickenham o ansioso desafio entre as equipas nacionais de Inglaterra e da Escócia.

Os ingleses, mais oportunistas do que construtores da vitória, marcaram evidente superioridade, ganhando por 24 pontos (4 ensaios transformados e 1 drop-goal) a 5 (1 ensaio transformado).

Os escoceses perderam o concurso do jogador Drummond, com uma vértebra fracturada, e embora se tenham esforçado em romper a defesa dos adversários fizeram as suas tentativas de modo desordenado e indefinido.

Depois deste resultado, a posição dos 5 países que tomam parte no torneio é a seguinte:

França, 4 pontos (sem derrotas); Inglaterra, 4 pontos (1 derrota); Irlanda, 4 pontos (1 derrota); Gales, 2 pontos (1 derrota); Escócia, 0 pontos (4 derrotas).

A França e Gales têm 2 jogos a disputar e a Irlanda e a Inglaterra 1.

Em Paris, o Racing Clube de França ganhou à Universidade de Cambridge por 22 pontos (4 ensaios e 2 goals) a 10 (2 ensaios e um drop-goal). A equipa francesa revelou-se mais veloz na 2.ª parte e dominou os visitantes.

TÊNIS

Jean Borotra continua na brecha

O velho campeão de ténis Borotra, que juntamente com Lacoste e Cochet foi dos melhores artistas da raquete, há uns vinte anos atrás, parece dotado de perene juventude.

Embora já tenha dobrado a casa dos cinquenta, ainda se mostra igual aos melhores europeus. Inscreto no campeonato internacional de Lião, ganhou o torneio na prova «singulares», batendo no desafio decisivo o jogador sueco T. Johansson, por 6-4, 9-7, 5-7, 3-6 e 6-4.

Em «pares», Borotra e Pétra cedem o passo diante dos suecos Bergelin-Johansson. A luta foi áspera como o diz o resultado: 11/9, 2/6, 6/4 e 10/8.

O Torneio de Nassau

Jack Kramer, que muitos consideram como o melhor tenista amador actual, foi derrotado no decurso do campeonato efectuado em Nassau (Bahamas) ao melhor

NOTA DA SEMANA

O ténis de mesa é um jogo simples de entender, atraente, atlético e bastante popularizado. Nasceu, segundo se diz, numa tarde de chuva, quando certo gentleman da imperial Inglaterra, aborrecido porque lhe era defeso descer à relva e praticar com a «raquete», improvisou, sobre o pano verde da mesa de bilhar, um derivativo para o seu tédio, aproveitando a caixa de charutos e uma rolha de cortiça.

Ao contrário do que pode julgar o leitor, este desporto tomou logo grande incremento e o sexo feminino apadrinou-o com a sua preferência. Todavia, devemos acentuar que o ténis de mesa — o ping-pong da época da Rainha Vitória — era apenas passatempo de salão e como tal se conservou até ao dia em que as suas qualidades espectaculosas e atléticas atraíram os rapazes e as raparigas de menos de quinze anos.

Hoje está consideravelmente espalhado, mas sofre, ainda, do complexo de inferioridade, fomentado pelo lawn-tennis, irmão-mor em importância e antiguidade.

Vem isto a propósito dos recentes torneios que se efectuaram em Paris e em Londres. Os primeiros, por equipas e individuais, para homens e senhoras, tiveram o cunho de verdadeiros campeonatos do Mundo. Duas Taças, a Swaythling Cup e a Corbillon, se atribuíram aos varões e às donas que mereceram os primeiros postos.

Os segundos, celebrados em Londres, tiveram a participação de jogadores portugueses, agora estreados no concerto dos países europeus, com discreto comportamento. Como geralmente acontece, em casos desta natureza, os primeiros passos, além de incertos, poucas vezes se afirmam supremos, mas devagar se vai longe.

Importava começar e sem desdouro. Isso se produziu. Fazamos votos, por conseguinte, que se prossiga na rota gerada e guardemos com confiança o progresso do ténis de mesa nacional.

R. B.

FUTEBOL

EM INGLATERRA

Com o Wolverhampton na dianteira da 1.ª Divisão (44 pts.) seguido de perto pelo Liverpool e Blackpool (40 pts.), o Manchester City na testa da 2.ª Divisão (45 pts.) levando o Burnley (43 pts.) na cola; e o Cardiff City (48 pts.) mais o Doncaster (53 pts.) comandando as zonas Sul e Norte da 3.ª Divisão, assim findou, no sábado, a 32.ª volta do Campeonato de Futebol da Liga Inglesa.

A derrota do Preston North End (4-1) pelo famoso Arsenal revelou o mérito de Wally Barnes, defesa esquerdo dos londrinos, que, apesar da lesão do joelho, se mostrou o mais seguro jogador actual naquele posto. Outro tanto se poderia dizer de Reg. Lewis, avançado-centro, que reapareceu depois de longa ausência.

de três partidas. Foi seu vencedor Billy Talbert, sexto jogador dos E. U. A., que obteve o resultado seguinte: 9/7, 2/6 e 6/4.

Gardner Mulloy, classificado em 5.º lugar na escala, perdeu igualmente em face de Pancho Segura, do Equador, por 6/3 e 6/2.

Com Stubbins, do Liverpool, substituiu o mais sério rival de Tommy Lawton.

Liverpool ganhou a Portsmouth por 2-1. Stubbins, grande oportunista, soube arrancar dois tentos imparáveis quando o empate parecia inevitável.

Aston Villa e Stoke City (sem o concurso de Matthews) viram-se obrigados a suspender o desafio quando o resultado era de 2-2, por causa da neve.

Os Wolves bateram Charlton por 2-0, graças a Westcott e Mulen, que marcaram antes do intervalo. O Derby County conseguiu ganhar ao Manchester United (4-3), sobretudo pelo bom trabalho de Carter, interior-direito.

Blackburn Rovers soube impor-se ao Bolton Wanderers (2-1) e o Chelsea ao Brentford (2-0) mas a luta de Blackpool com Sheffield United (4-2) foi a mais difícil, sobre terreno lamacento, distinguindo-se Geo. Dick, o ponta-esquerda, pelo seu imenso oportunismo.

O tempo continuou fazendo das suas, mas o número de desafios cuja realização teve de ser alterada para data ulterior foi escasso, comparado com o de outras semanas antecedentes.

BOXE

NA EUROPA

A recente e difícil vitória do campeão de Inglaterra Bruce Woodcock sobre o campeão francês Estêvão Olek, conseguida apenas por pontos, em 15 rounds, veio diminuir grandemente as possibilidades de êxito do primeiro em face do americano Joe Baksi.

Olek nasceu na Polónia e adoptou depois a nacionalidade francesa. A sua fraca experiência não fazia crer que resistisse muito tempo ao campeão da Europa, mas sucedeu o imprevisível e Olek, embora tenha encaixado muitos socos rijos e saísse do ring com um olho completamente fechado, ripostou sempre com brio, ganhando os aplausos das 7.000 pessoas que assistiram ao match. Woodcock tem uma desculpa aceitável, a justificar a sua exibição. Deixou o leito há duas semanas, onde estivera sob o domínio de uma gripe tenaz.

No mesmo espectáculo, efectuado em Manchester, Henry Hall foi dado como vencedor do francês Omar Kouidri, no fim de 10 rounds, mas o empate era muito mais justo.

Em Espanha uma equipa de pugilistas belgas foi rotundamente vencida pelos nossos vizinhos.

José Ferrer ganhou a Mertens por K-O ao 5.º assalto; Luis Romero venceu o campeão belga dos «levisimos», Rogers, por abandono ao 7.º assalto e Luis de Santiago pôs Pierre Paul fora de combate ao 6.º. Isto, em Barcelona...

Em Valência, o nosso bem conhecido Llacer lutou contra o forte italiano Poli, fazendo um match nulo, decisão que o público protestou por lhe parecer que a vitória de Poli era de justiça.

Llacer, embora valente e decidido, foi dominado em força desde o primeiro assalto.

Juanito Martín, campeão de Espanha dos «semi-médios», confirmou a sua qualidade derrotando Beltrán, sem apelo nem agravo, por K-O ao 5.º round.

NA AMÉRICA

O pugilista americano Manuel Ortiz reconquistou o título mundial dos «levisimos», ganhando por pontos ao negro Harold Dade, seu precedente vencedor, num combate em 15 rounds celebrado em Los Angeles.

O público protestou a decisão, achando que o empate era o único resultado aceitável.

Johnny Shkor, um pugilista 1.ª série de Boston, acaba de produzir a maior sensação possível ao vencer o robusto Tami Mauriello por fora de combate técnico.

Foi um soco tremendo que decidiu a contenda, ao 7.º round. Mauriello, atingido na face, sangrou abundantemente de uma ferida enorme, que levou a bagatela de 18 pontos de sutura!

Fala-se, com insistência, num próximo combate entre Shkor e Joe Louis.

Filipe Luis, o campeão, venceu todas as provas da época

Os seniores disputaram no domingo a sua prova máxima de corta-mato, organizada cuidadosamente pela Federação nos terrenos circunvizinhos do campo da Tapadinha.

Os nossos dirigentes precisam de convencer-se de que os traçados das corridas de corta-mato devem ser escolhidos em terrenos de verdadeiro campo, com obstáculos e dificuldades naturais, mas sem o exagero de acidentes verificado neste percurso de domingo.

Tomaram parte na prova 16 representantes do Benfica e do Sporting, dos quais apenas desistiu Nogueira, vítima de um perigoso trambolhão logo na primeira volta, e que o relegara para o último lugar, muito longe dos companheiros habituais.

A disparidade de valores foi muito grande e não seria difícil encontrar entre os juniores quem desempenhasse bom papel na competição. A disposição regulamentar, tomada há 2 anos, que fixa na categoria todos os participantes, impediu aos clubes o recurso a alguns novos, que seria interessante ver em prova.

O vencedor da prova foi o Benfica, que colocou cinco dos seus homens a seguir ao campeão individual, o sportinguista Filipe Luis, primeiro classificado em todas as provas da temporada de Inverno. Tornando o comando logo após as primeiras centenas de metros, Filipe aceitou companheiros durante a primeira volta mas isolou-se logo na seguinte; eis os seus tempos, volta a volta: 5 m. 40 s. (mais trezentos metros), 5 m. 28 s., 5 m. 39 s., 5 m. 43 s. e 7 m. 30 s. (mais 250 metros).

Na primeira passagem, vinham com ele Armindo, João Silva, Manuel Gomes e Afonso Marques; nas passagens seguintes, o seu imediato seguidor foi sempre Manuel Gomes, sucessivamente a 9 s., 14 s., 19 s. e 11,2 s.

O terceiro a cortar a meta no final, Manuel Gonçalves, atrasado de início, apareceu na segunda volta em 4.º lugar, subiu na seguinte ao posto que veio a ocupar em definitivo, recuperando algum terreno aos que o precediam e mostrando que é, sobretudo, um corredor de grandes distâncias.

Os ases do ano passado tiveram sorte vária; ambos pareceram, contudo, em melhor forma. João Silva deu uma queda logo no começo do percurso, mas sem consequências, pois manteve-se no pelotão da vanguarda; o seu atraso, de 20 s. na segunda passagem, evoluiu para 34 s., 35 s. e mais de 40 s. nas seguintes. Afonso Marques, na segunda entrada no campo da Tapadinha, trazia 12 s. de atraso quando caiu; perdeu imenso tempo antes de continuar e, na volta seguinte, vinha a 1 m. 25 s. de Filipe, tempo que crescera para 1 m. 58 s. na imediata e aumentou ainda com certeza durante a última.

Salazar Correia

A FRANÇA JOGARÁ EM LONDRES NO DIA 3 DE MAIO

LONDRES, Março de 1947 — Especial para «Stadium» — por FERNANDO MENDES

Os britânicos perderam recentemente com a França por 2-1, e aguardam com muito interesse a retribuição da visita dos gauleses. O jogo efectuar-se-á em Londres.

A luta entre franceses e ingleses interessa sempre os britânicos, tratando-se de uma espécie de Portugal-Espanha. Mas, agora, um motivo especial atrairá os ingleses ao Estádio de Highbury, em Londres.

A França pôde por ter neste altura uma das melhores equipas do Mundo. Ganhou à Áustria por 3-1; Jugoslávia por 3-0; à Inglaterra por 2-1 e a Portugal por 1-0. O seu *team* continental é formado à base de franceses...

Isto tudo forma o prestígio do próximo Inglaterra-França. Já se movimentam os bilhetes. A organização dá os passos habituais, visto que o grande encontro, marcado em princípio para 7 de Maio, foi transferido para o dia 3 — uns dias mais cedo.

Seja como for, o encontro Inglaterra-França é aguardado nas ilhas britânicas com muito interesse. O caso não é para menos.

Como se sabe, os ingleses efectuaram alguns jogos de pouca valia, após o guerra, para experimentar novos jogadores ou para ver até que ponto perderam categoria alguns consagrados. O próprio 1-2 contra a França foi tomado como esporádico, como resultante do desreleio dos melhores jogadores de Inglaterra.

Porém, a França, continuou no seu bom caminho — triunfando. A França de hoje, no campo de futebol — já obriga os ingleses a pensar no encontro de Highbury.

Põe-se o problema: — a Inglaterra perdeu por não possuir nessa altura a equipe convenientemente formada, ou jogam os franceses bastante mais do que se julgava?

A opinião de alguns elementos que conhecem o futebol de França e de Inglaterra, concede aos gauleses o favoritismo no que respeita ao seu progresso técnico. Alguns jogadores franceses teriam lugar certo nos melhores quadros britânicos...

Mas essa opinião não vai até o ponto de supor que a Inglaterra, em 3 de Maio próximo, será capaz de abster bandeira. Antes pelo contrário. Os ingleses procuram desforrar-se do 1-2 sofrido, e são bem capazes disso, embora tenha de considerar-se a força dos visitantes, aureolados por nova vitória, agora contra o grupo nacional português.

O que importa, de momento, é o valor do jogo. Já é o suficiente para encher o velho terreno do Arsenal, proporcionando aos londrinos um sábado alegre e desportivo. Se os visitantes conseguirem vencer — veremos o seu prestígio aumentado e justificadas as vitórias que obteve.

Se os britânicos vencerem — tudo dependerá do comportamento das equipas. Também se perde com honra e glória. A França não precisa de ganhar para convencer o público admirador dos resultados «internacionais». Nem Portugal. Nem outro país qualquer.

Mas é necessário, na verdade, que corresponda. Que os britânicos vão dar o máximo, e podem-no fazer no actual momento. A equipe de Matthews considera-se em forma, e se contar com Tomy Lewton no centro do ataque, muito terão de jogar os defesas gauleses e De Rui.

Por sua vez, até que ponto podem ir as fantasias de Ben Boreck? No futebol britânico, os defesas são rijos, ágeis. Gostem de luta e sabem que os franceses primam pela habilidade...

Esteremos também no Estádio de Highbury. Bole a mais ou bole a menos, julgamos que a Inglaterra vencerá — de tal modo se produz a melhoria no seu futebol. Como os franceses jogam bastante, actualmente, porque os resultados contra países bem desenvolvidos (Portugal é assim considerado por cá) não devem enganar, preparemo-nos para assistir a um grande encontro. Ao nosso gosto — como ao gosto de todos os ingleses.

F. M.

Segunda Divisão

O encontro França-Portugal, realizado em Paris, no último domingo, não interrompeu a nossa 2.ª Divisão nacional. E a propósito deste campeonato, é oportuno referir que a Federação Portuguesa de Futebol resolveu subsidiar os concorrentes que não possam suportar algumas despesas.

Excelente. Já em tempos nos referimos a dificuldades que alguns clubes toparam no seu caminho, e apenas deve lamentar-se que alguns mais fortes de ânimo desistissem. Se a Federação tivesse tomado esta atitude antes de principiar a época, tudo se arrumaria...

Na jornada de domingo, alguns resultados expressivos confirma-

ram a superioridade dos vencedores: Flaviense-Lamego, Aves-Oliveira do Douro, Gil Vicente-Infesta, Académico-Ermezinde, Académico de Viseu-Beira Mar, Elvense-Portalegrense e Portimonense-Faro.

Continua a reparar-se na excelente actividade dos sportinguistas de Elvas. O Beira Mar também se distingue, e desta vez no campo do adversário. Os «cabecas de série» estão dispostos a não largar o comando e por isso rodeiam a sua acção de todas as cautelas.

No sector lisboeta, o Operário não conseguiu vencer. O antigo clube de S. Vicente não tem sido

(Continua na página 10)

A ALTERNATIVA DE DIAMANTINO VISEU

BARCELONA, 23 — Reinava grande expectativa pela alternativa de Diamantino Viseu, na «Monumental», que registou uma boa casa.

Foram lidados seis touros de Juliana Calvo e dois de Cubero, por «Gitanillo de Triana», António Bienvenida, Parrita e Diamantino Viseu.

1.º touro — O da alternativa, n.º 54, de Juliana Calvo, de nome «Comerciante». Negro, manso, com muito poder e difícil. Recebe três varas, sendo os «quites» com luzimento. Viseu cravou um par de bandarilhas, sendo o resto completado por Rogério Valgode. — Faena de castigo, que termina com um «pinchazo» e duas meias estocadas.

2.º touro — Para «Gitanillo», que o recebe por verónicas e termina com duas meias estocadas.

3.º touro — Para António Bienvenida, manso, mas lidável. «Quites» regulares. Faena sem luzimento, que termina com dois «pinchazos» e duas meias estocadas.

4.º touro — Para Parrita. Touro manso, não havendo nada em «quites» digno de nota. Outro touro sem força, o que prejudicou a faena de muleta, que terminou com uma boa estocada.

5.º touro — Para «Gitanillo de Triana». Manso, mas com força, o que dá lugar a um «quite» de Viseu e outro de «Gitanillo». Chega difícil à muleta, sendo a faena rematada com um «pinchazo», três quartos de estocada e um «descabello».

6.º touro — Para António Bienvenida. Manso e fugido, saindo solto nas varas. Bandarilharam os subalternos, chegando manejável à muleta, de que o público dá conta, sendo o matador associado pela má lide, que termina de um «pinchazo», duas meias estocadas e «puntilla».

7.º touro — Para Parrita. Manso, mas lidável. Recebeu quatro varas, saindo solto. Inicia a faena no meio de grandes protestos do público pela actuação e no meio de assobios dá duas meias estocadas e um «descabello».

8.º touro — Para Diamantino Viseu. N.º 74. «Carden» de nome «Ortigueros». Sai com alegria, dando ocasião a bons «quites» de «Gitanillo» e Diamantino. Ovação. Diamantino bandarilha, cravando três pares, dois dos quais enormes, destacando-se o último; ovacionado com saída aos tercios. Inicia a faena com quatro estatúrios, sendo ovacionado; cinco «dechazos», rematado com um molinete; quatro naturais, rematado com um de peito; manoleínas escalafriantes, terminando a faena com um «pinchazo», meia estocada e dois «descabellos».

Na «cuadrilla» de Diamantino saíram Quintana, José Fernandes, Rogério Valgode e o picador Pa-gés.

Portugal já tem um matador de touros, sério e valente. — (Efe).



Uma fase do ataque francês de sua direita, vendo-se quatro portugueses: Serafim, Francisco Ferreira, Cardoso e Pires.



A 3.ª fase espectacular de Lu Rui ao estapupado remate de Azevedo

FRANÇA, 1 PORTUGAL, 0



Lu Rui é atacado vigorosamente por Peyroteo, que esteve sempre na brecha, mas consegue aliviar o campo



O Goal da França!

O goal da França, a 4 minutos do fim do 1.º tempo! Bibal, ao centro, tendo recebido um passe de Ben Baruch, fez um remate rústico e seco. Ainda se vê o jogador na posição do remate. Azevedo mergulhou, mas o tiro foi rápido e dispersado da porta. Vê-se Jacques, o novo antepenúltimo da França, seguindo o lance. A bola bateu na quinta do poste direito e ressaltou entrando pelo outro lado.

... Azevedo, batido, como dissemos, sem culpa alguma, e a bola ressaltou para dentro. Cardoso e Amaro aludam chorros. Era demasiada a noite tarde. Já estava feito o goal da vitória — pela o goal contou sómente uma vez no dizer dos Franceses



Azevedo mergulha aos pés de Courtodé, e consegue livrar de perigo as balizas

Apontamentos para a história da sua prática em Portugal

VII — A corrida da légua (continuação)

O Campeonato Pedestre da Légua, organizado nesse ano de 1927, em todo o país, pelo jornal «O Sport de Lisboa», foi uma vasta prova de propaganda, que reunia cerca de 850 concorrentes, espalhados por 59 concelhos de Portugal.

Na primeira eliminatória, para apuramento dos campeões concelhios, registaram-se resultados curiosos, que atestaram a provável elasticidade da distância medida ou a fantasia dos cronometristas, provavelmente sem cronógrafos.

Em Bragança, onde se verificou o melhor tempo, venceu Maximino Rodrigues em 14 m. 59 s. Em seis outros concelhos (Mortágua, 15 m. 4 s.; Loarinhã, 15 m. 2 s.; Leiria, 15 m. 12 8 s.; Alvaizere e Cadaval, 15 m. 13 s.; Vagos 15 m. 37 s.) foi batido o recorde nacional.

Nas provas distritais, que constituíam a eliminatória seguinte, apuraram-se os 18 finalistas, com os tempos seguintes, indicados por ordem crescente. O número entre parêntesis indica a ordem e o tempo de classificação na final, disputada em Lisboa.

Leiria: A. L. Ferreira, 15 m. 5,4 s. (2.º em 17 m. 15,6 s.); Évora, Francisco Santos, 15 m. 23 s. (3.º em 18 m. 20 s.); Viseu, Manuel Corvelho, 15 m. 30 s. (5.º); Porto, José Eduardo Leite, 15 m. 30,2 s. (6.º); Bragança, Maximino Rodrigues, 15 m. 40 s. (17.º); Setúbal, Guilherme de Sousa, 16 m. 06 s. (8.º); Lisboa, António de Almeida, 16 m. 9,8 s. (1.º em 16 m. 31,4 s.); Guarda, João Figueiredo, 16 m. 17 s. (12.º); Beja, Francisco Pena, 16 m. 40 s. (parou, por engano, uma volta antes do fim da prova, vindo em 5.º lugar); Aveiro, Horácio Mendes, 16 m. 57 s. (7.º); Coimbra, Diamantino França, 17 m. (4.º); Castelo Branco, Afonso Flores, 17 m. 7 s. (10.º); Braga, Miguel Reis e Silva, 17 m. 13 s. (14.º); Santarém, Jesuino Nogueira, 17 m. 40 s. (11.º); Faro, João da Luz, 17 m. 45 s. (15.º); Viana do Castelo, António Braga, 18 m. 25 s. (14.º); Vila Real, Alípio Ferrador, 18 m. 56 s. (13.º) e Portalegre, João Barradas, 19 m. (16.º).

Como se vê por esta lista, o homem de menos de quinze minutos, em Bragança, foi o último a entrar na meta, na final em Lisboa.

De todos estes tempos fantásticos, o único que houve a ponderar foi o da eliminatória do Porto, fiscalizado oficialmente e que batia o recorde de Marques Graça.

Quem conhecesse o valor de

Eduardo Leite, não poderia logicamente dar-lhe crédito, mas criou-se à sua volta, no meio e na imprensa locais, ambiente favorável à eliminação, pois fora alcançado na pista do Lima, e não em estrada como os restantes.

Felizmente, foram registados os tempos intermediários até ao terceiro quilómetro, o que me permitia contestar a veracidade do tempo com argumentos irrefutáveis: Leite gastou 3 m. 10 s. para o primeiro quilómetro, 3 m. 21 s. para o segundo e 3 m. 27 s. para o terceiro (5.000 metros em 9 m. 58 s.); sendo exactos os 15 m. 30,2 s. finais, teria percorrido os dois últimos quilómetros à razão de 2 m. 46,1 s., o que é completamente absurdo. A força dos números convenceu todos e o assunto morreu no esquecimento.

A partir da época imediata, a de 1928, começou para longo prazo o reinado do melhor especialista português, Manuel Dias, acumulando vitórias em todas as distâncias dos 1.500 aos 5.000 metros, sendo esta última aquela em que mais se distinguia em pista.

A temporada de 1928 não ofereceu nada notável: Joaquim Lopes ganhou o regional do Porto em 17 m. 5,4 s.; Manuel Dias o de Lisboa em 15 m. 57 s. o Nacional em 15 m. 55 s. e a corrida no torneio da Figueira da Foz em 17 m. 06 s., sendo batido no match Porto-Lisboa por António de Almeida, em 16m. 15s.; Eduardo Leite venceu a légua de Espinho, em estrada, em 17 m.

Foi em 1929 que Manuel Dias conseguiu, finalmente, assenhorear-se do recorde da légua, na prova do campeonato regional, na pista — em boa verdade, no terreno de futebol — do Estádio do Lamiar. A tentativa fora decidida pelos dirigentes técnicos sportinguistas, após os resultados obtidos em treinos e que garantiam a boa forma do corredor; a marcha foi cuidadosamente estudada por mim, estabelecendo-se uma tabela de tempos, volta a volta, que me competia fiscalizar pelo cronógrafo durante a corrida.

Os tempos intermediários estabelecidos haviam sido: 6 m. para os 2.000 metros, 9 m. 5 s. para os 3.000 metros, 12 m. 10 s. para os 4.000 metros e 15 m. 25 s. finais.

Manuel Dias correu estas distâncias respectivamente em 6 m 1 s., 9 m. 6,6 s., igualando até aqui quase os tempos previstos, mas teve um desfalecimento sensível entre os 3.500 e os 4.000



Manuel Dias e Diamantino França, durante anos grandes rivais nas corridas da légua, numa das suas chegadas ombro a ombro

metros, onde passa já atrasado, aos 12 m. 18,4 s., e melhor não logrando no final do que 15 m. 29,6 s.

Todos estes resultados correspondiam a novos recordes nacionais.

As primeiras três voltas foram percorridas à razão de 1 m 3 s., as quatro seguintes a 1 m. 4 s., deixando depois para 1 m. 6 s., 1 m. 7 s., 1 m. 7 s., 1 m. 5 s., 1 m. 8 s., e 1 m. 10 s. a última em 1 m. 4 s. e os 120 metros finais em 24 s. (348 m. por cada volta).

Nesta prova termina Almeida

em segundo lugar, em 16 m. 14 s.

Eis os resultados das restantes provas da época: regional do Porto, Eduardo Leite em 16 m. 42,2 s.; nacional, Manuel Dias em 15 m. 49,8 s., seguido por Adelino Tavares em 15 m. 58 s.; concurso em Coimbra, Manuel Dias, em 15 m. 35 s., o qual ganhou ainda a légua da Anadia, de ambas as vezes precedendo Diamantino França.

(Continua)

Salazar Cavreira

Segunda Divisão

(Continuação da página 7)

feliz no torneio. O Sacavenense, agora excelentemente embalado, o Casa Pia e o Arroios ganharam aos seus adversários. O último, mesmo, cometeu a proeza fora de casa — em Sesimbra.

Eis os resultados gerais:

Grupo A — 1.ª série: — Flaviense-Sp. Lamego, 7-0.

2.ª série: — Vianense-Leixões, 1-3; Monção-Leça, 7-3; União Paredes-Ramaldense, 1-9.

3.ª série: — Avintes-Gaia, 5-1; Sp. Fafe-Salgueiros, 7-3; Aves-Oliveira do Douro, 10-0.

4.ª série: — Gil Vicente-Infesta, 12-0; Académico-Ermezindo, 9-1; Candal-Sporting de Braga, 0-2.

Grupo B — 5.ª série: — Acad. Viseu-Beira Mar, 1-7; Sp. Espinho-S. L. Viseu, 7-2; Conimbricense-Ovarense, 1-2.

6.ª série: — Marialvas-União de Coimbra, 2-5; União Lamas-Oliveirense, 2-6.

7.ª série: — Ginásio Alcaçova-Ferrovários, 5-1.

8.ª série: — Sacavenense-Alhandra, 3-1.

Grupo C — 9.ª série: — Torreense-Rossense, 1-0; Casa Pia Atlético Clube-Peniche, 3-1.

10.ª série: — Futebol Benfica-Amora, 3-1; Operário-Unidos Montijo, 1-5.

11.ª série: — União Sesimbra-Arroios, 4-7.

12.ª série: — Lusitano-Évora-Luso Barreiro, 0-0.

Grupo D — 14.ª série: — Sp. Elvense-Portalegrense, 6-0.

15.ª série: — Luso Beja-Moura, 0-1; Piense-União Beja, 4-0.

16.ª série: — Portimonense-Desp. Faro, 5-0.

Indicam-se entre parêntesis os resultados da primeira volta.

Vencedores de série já apurados: Leixões, Fafe, Sporting de Braga, Beira Mar, Sporting Elvense, Vila Real, Oriental, Unidos de Montijo, Barreirense, S. C. Covilhã, Cuf do Barreiro e Lusitano do Algarve.

TÉNIS DE MESA

VAI DISPUTAR-SE A TAÇA "STADIUM"

A Associação de Ténis de Mesa de Lisboa vai fazer disputar entre equipas de juniores dos clubes seus filiados a taça «Stadium».

Volla, assim, a nossa revista a estar ligada à modalidade, reatando uma tradição dos seus primeiros tempos. Disposta, como então, a contribuir para a valorização do ténis de mesa, «Stadium» não podia deixar de patrocinar a interessante iniciativa da A. T. M. L., que foi acolhida com muito entusiasmo.

Podem dizer-se que o torneio, que dentro de breves dias principia, vem preencher uma lacuna no ténis de mesa lisboeta, pois a actividade dos Juniores tem estado limitada ao campeonato regional, o que é muito pouco para

uma época que dura cerca de dez meses.

A maior prova do interesse pela competição é-nos fornecida pelo número de equipas que se inscreveram: nada menos de 13, em representação do Benfica (3 equipas), Sporting (2), Belenenses, Internacional, Glória, Pena, Carmo, Campo de Ourique, Alfama e Adicense.

Creemos que nunca este número foi atingido, nem mesmo no campeonato de Lisboa.

O regulamento da prova assegura o seu êxito. As equipas são eliminadas à segunda derrota e os encontros disputados, em mesas neutras, nos moldes da taça «Davis».

No próximo número faremos mais largas referências ao certame.

NATAÇÃO

Começou o «Torneio da Primavera»

Dois acontecimentos de características diferentes ficaram a atestar, de forma brilhante, a actividade da natação na semana finda: a distribuição de prémios de A. N. L. — no salão nobre do Ateneu Comercial de Lisboa — e a primeira jornada do já tradicional «Torneio da Primavera», na piscina de «Eduarda Portugal» do Sport Algés e Dafundo.

Ocupam-nos primeiramente, ainda que sucintamente, do primeiro desses acontecimentos. E digamos desde já que a Associação de Natação de Lisboa atingiu plenamente o seu objectivo, conseguindo transformar, habilmente, uma simples sessão de distribuição de prémios, numa verdadeira jornada de entusiástica propaganda da modalidade.

Quer pelo número de contemplados presentes, quer pela comparação de muitas individualidades em destaque na natação lusitana, quer, ainda, pelo ambiente de franca consagração em que a sessão decorreu, pode afirmar-se, à vontade, que a festa de quinta-feira ditima — solenizada pela presença do inspector de desportos, sr. Ayala Boto — foi o corosamento condigno de uma época movimentada, em que a A. N. L. se esforça, de facto, por sair do marasmo habitual. E há, ainda, a pôr em relevo a felicíssima ideia da passagem de filmes sobre técnica de natação e saltos artísticos, através dos quais se puderam observar belos pormenores sobre os vários «estilos» — desde o simples flutuar, aos mais difíceis movimentos do «crawl».

As provas do S. A. D.

Disputadas por mais de meia centena de nadadores — de entre os quais treze senhoras — as provas correspondentes à pri-

meira jornada do «Torneio da Primavera» deixaram boa impressão e tiveram a presença de muitos numerosos sócios do clube organizador.

E talvez possamos afirmar sem faltar à verdade, que algumas das eliminatórias da prova de 33 metros-braços, meninas, proporcionaram dos momentos mais animados da reunião.

Oito infantis disputaram os 33 metros-livres. Fizeram-no com o seu entusiasmo habitual. E podemos observar a boa «forma» de alguns: Fernando Esteves Madeira (20.6.), Ezequiel dos Neves (23.1 s.) e Manuel Marta Barbeiro (24 s.) — para apenas citar os mais em evidência.

Os iniciados, em número de sete, correram os 66 metros-costas, prova em que se verificaram marcas de real valor. Eduardo Marta Barbeiro triunfou à vontade, em 53.2 s.; Enrico Rocho Sargey também se classificou dentro dos sessenta segundos, com 56.2 s. João Blichinho, Enrico Perdigão e José Inácio Borja classificaram-se a seguir, quase dentro da mesma bitola.

Os consagrados, devido ao regulamento do Torneio, foram obrigados a correr 66 metros-braços, especialidade de que a maioria anda normalmente arrejada. E assistiu-se, talvez por isso mesmo, a provas carlosas. Para Alfredo Jacinto Janardo (55.7 s.) foi o melhor resultado. Verdade seja, porém, que Artur Malheiro (56 s.) e Pereira Bastos (57, 2.) campliram bem. E até mesmo o sexto classificando se credita em menos de sessenta segundos.

O Torneio terá, no domingo, a sua segunda reunião — ditima que se efectua na piscina de inverno. A terceira e ditima, no domingo de Páscoa, será na piscina de verão.

Abreu Torres

BASQUETEBOL

Campeonato Nacional

O Olivais e o Vasco da Gama continuam sem derrotas...

Por se ter confirmado a eliminação imposta pela Federação ao F. C. do Porto, a 3.ª jornada do Campeonato Nacional apenas englobou os jogos Benfica-Atlético e Olivais-Belenenses, visto que ao Vasco da Gama cabia, como adversário, o clube seu conterrâneo.

Nesta altura da prova, o Vasco da Gama e o Olivais totalizaram o máximo de pontos, nos jogos que efectuaram. A sua situação é, pois, esplêndida, embora a ambos faltem disputar os encontros mais difíceis. Mesmo assim, os resultados que o Olivais está fazendo, em Coimbra, devem pôr de sobrevivo os seus próximos visitantes.

O Benfica, depois de duas magníficas exhibições, perante o Belenenses e o Atlético, parece querer assegurar que o mau resultado feito no Porto, contra o Vasco, terá a devida rectificação, quando os dois valorosos «cinco» se encontrarem, aqui em Lisboa...

O B-lenenses, que, contra o Olivais, não apresentou a sua melhor formação, deve ser competidor muito sério, logo que alguns dos seus componentes «acertem o passo» com os companheiros mais antigos e experimentados, na habitual toada da equipa.

Quanto ao Atlético, sabemos que os seus jogadores valem um pouco mais do que têm demonstrado nos jogos, até agora, efectuados...

No encontro que os «alcantarenenses» disputaram com o Benfica, a superioridade dos «encarnados» foi clara e o elevado desnível do marcador — 30 pontos — reflecte bem a diferença de possibilidades, entre os dois «cinco», se nos reportarmos, apenas, ao encontro em questão.

Para avaliar o franco rendimento produzido pelo Atlético, sobretudo depois do intervalo, basta dizer que, tendo este sido atingido com a marcação de 18-15, nos últimos 20 minutos o Benfica alcançou mais 40 pontos, contra 13 dos alcantarenenses.

Esta desproporção foi possível, em virtude da magnífica exibição feita pelos benfiquistas, durante 10 minutos, e, também, pela falta de recursos da defesa atlética.

O Belenenses foi a Coimbra perder 2 pontos, que poderão fazer-lhe muita falta. Como dissemos, os «azuis» não apresentaram a sua melhor equipa, mas, apesar disso, a vitória do Olivais surpreendeu, por inesperada.

A contenda resolveu-se nos últimos segundos, com um lançamento de Costa Ramos, que deu o triunfo aos coimbricenses.

A 4.ª jornada da manhã, com o jogo Belenenses-Atlético e termina no sábado, em Coimbra, num sensacional encontro que porá frente a frente os «inveníveis» do Campeonato — Olivais F. Clube e Sporting Vasco da Gama.

MONTEIRO POÇAS

ANDEBOL

Campeonato de Lisboa

Faltam apenas duas jornadas para conclusão do campeonato lisboeta e ainda se não pode indicar com segurança quem virá a ser seu vencedor. Reúne o Belenenses, de 2 pontos de avanço sobre o Sporting, maior número de probabilidades, mas como está por jogar o encontro entre estes dois clubes, o problema fica em aberto.

Empatando no domingo com «Os Treze», o clube de Belém cedeu uma vantagem que lhe dava absoluta segurança; agora necessita de acautelar ao máximo o jogo com os «leões».

Não quer isto significar que o título regional esteja dependente apenas do choque entre os dois candidatos; é preciso contar com os outros adversários, sobretudo com o adversário do Sporting, que é o G. D. «Os Treze», cujas exhibições trazem sempre o cunho de uma tradição renovada. A sua vitória sobre o Benfica, na última jornada, pelo elevado «score» de 11-2, que é o mais elevado deste campeonato registado, parece-nos suficientemente elucidativa.

A competição deste ano foi caracterizada pela maior nivelção de valores; não houve, propriamente, um grupo que afirmasse nítida supremacia, mas o equilíbrio fez-se pela descida dos mais altos valores e não será ousadia

afirmar-se que em Lisboa o andebol baixou de categoria, o que não é muito tranquilizador na iminência de eventuais confrontos com equipas estrangeiras.

Dizem nos o mesmo em relação aos clubes portugueses, sobre os quais não possuímos elementos directos de apreciação; sendo, porém, certas as informações — o que só o campeonato nacional poderá esclarecer — encontramos ante crise geral da modalidade, correspondente a período de transição por renovação dos quadros. Em Lisboa, pelo menos, é o que sucede: os antigos começam a perder capacidades e não há ainda novos capazes de os substituir sem prejuízo.

Talvez pela mesma razão — perda de facultades — alguns jogadores enveredam por métodos de jogo pouco recomendáveis e nada aceitáveis, mesmo.

Se os árbitros não possuem autoridade para se imporem como é indispensável, compete à Associação intervir, pondo por uma vez cobro aos desmandos daqueles jogadores, que entendem manifestar, em actos onde provam à evidência a sua falta de educação desportiva, o desacordo com as decisões dos juizes ou a superioridade dos adversários.

José de Eça

CICLO - TURISMO CASAPIANO



Os ciclo-turistas do Casa Pia Atlético Clube — Fernanda Lomba, Dionizio Daniel, Fernando Zabala, Mário André, Sabino Daniel e António Dias — vão efectuar o 1.º «Raio» ciclista internacional Lisboa-Sevilha.

No próximo dia 29 os ciclistas casapianos iniciam a sua prova de 1.031 quilómetros, com o seguinte itinerário Lisboa, Montijo, Aguias do Moura, Alcácer do Sal, Grandola, Santiago do Cacém, Odemira, Aljezur, Lagos, Portimão, Lagos, Albufeira, Faro, Olhão, Vila Real, Ayamonte, Huelva e Sevilha.

No regresso os ciclistas seguirão o itinerário seguinte: Sevilha, Huelva, Castro Marim, Mertola, Beja, Vidigueira, Portel, Évora, Montemor, Vendas Novas, Setúbal, Cacilhas e Lisboa, onde chegarão a 13 de Abril.

Esta iniciativa além de constituir uma boa prova desportiva valoriza-se pela colaboração que os casapianos vêm dar ao ciclo-turismo.



CICLISMO

Disputou-se no último domingo o campeonato popular. Damos em baixo, o grupo dos concorrentes. Em cima, os 3 primeiros classificados da corrida: — Fortunato Pereira, Lenine Glória e João Santos, do Lição, Parede e Benfica respectivamente.



Touros

BOA entrada nos lugares do sol, e regular nos da sombra, porque o astro estava ausente e a tarde convidava à economia, e à austeridade.

Simão da Veiga, recebido com palmas de apreço pelos seus êxitos na América, e de simpatia por se ter prestado a tourear após a perda do seu «Bombita», montou um cavalo *Ervidista* para o 1.º touro do sr. Silva Vitorino, gordo e menos manso dos que depois haviam de sair, e aproveitou-o para três boas farpas e dois curtos animados que lhe valeram muitos aplausos, e chamada com volta à arena. Antes entrara na enfermaria o cabo de forçados António Matias, derrotado com violência, pelo touro que depois teve de ser pegado à volta, sem êxito.

O 2.º touro, negro, com hasias brancas a anunciar a mansidão que confirmou. Procópio correu-o bem a uma mão e o mexicano Pepe Luis Vazquez, vestindo de azul e branco, foi aplaudido numa série de «verónicas». Moyano ficou o manso, e o bilbaíno Pedro Robredo, de salmão e ouro, esboçou algumas «Chicuelinas». Muitas palmas. Pepe Luis cravou um par ao seño, aplaudido, intervindo Procópio para recompor o manso.

O mexicano cravou mais dois pares ao quartel, ganhando bem a cara, e ouviu mais palmas. Com a «muleta», brindando a quem estas linhas escreve, começou o mexicano com ajudados por alto, depois por baixo, e a ovação veio com uma série de cingidíssimas «Manoletinas». Volta à arena e chamada ao meio da praça.

3.º Pedro Robredo começou com «verónicas» de «tanteo» e depois apertou-se, mas foi topado. Pepe Luis interveio com cingidos lances de frente por detrás, e ouve nova ovação. «Civil» brega para António Dias, que crava par e meio, e Alemão, que deixa um nuito bom, falhando então porque o touro ajoelhou na jurisdição. Robredo brinda ao público e tenta sujeitar com passes por baixo o manso com que depois luta até se convencer da impossibilidade de tirar del'algum partido, pelo que alinha e simula a morte.

Vem o intervalo e nos corredores reina certa desilusão acerca da corrida, dos touros, e da estreia de Pedro Robredo que os «aficionados» sabem ser um novilheiro valente, como provou antes a muitos portugueses na novilhada de última feira de Salamanca, dos mais valentes da actualidade.

Simão aparece na 2.ª parte com o bom russo, ferro Veiga, ainda combalido da viagem tormentosa do regresso das Américas. Crava um curto de recurso. Depois outro, tão apertado que o toque é inevitável. O cavaleiro muda de cavalo e, com um dos seus novos, toureira bem, de frente, depois de um curto, bom, ouve aplausos e é despedido com uma ovação, que o touro não permitia mais luzimento. Uma pega mal ajudada, tentativas intrusivas, e António Matias ingressa na enfermaria. O público protesta contra outros forçados que etocam piano, metendo as mãos adiante, em irreprezível gesto instintivo, de medo. João Borja

manda tocar para a volta, mas os protestos aumentam porque o touro tarda a deixar-se encorpar. E quando se ouve o toque de recolher há um suspiro de satisfação que um soldado não compreenderia. Chamada ao cavaleiro Simão da Veiga.

5.º Dizem que não há quinto mau, mas este também é manso. Cegarra dobra-o «Moyano» fixa-o, mas não há quem o faça investir, nem o mexicano Pepe Luis ya a tentos de «verónicas». Robredo defende-se «sabanicando», para fazer alguma coisa, ainda que a tarde não esteja para abanicos. Crava meio par o mexicano, o Procópio interveio eficazmente. Mais meio par, fazendo tudo Pepe Luis porque o touro se limita a esta, desarmando. Outro meio, idem, e soam palmas à boa entrada. Para a «muleta» do mexicano arranca-se o touro como tonto, obrigado à defensiva por não saber o toureiro por onde ele vai, já que no pano vermelho se não fixa. Passes por alto, depois de «piton a piton». Dissiste ante o manso, simula a morte, e aplauda-se a boa vontade.

6.º, e último, que mansos já bastam. Pedro Robredo, lanceia à verónicas com valentia, apertando-se muito. Palmas. E Pepe Luis desenha algumas «Chicuelinas» cingidas. Ovação. Dias crava meio par, e outro meio. E Alemão, que com Rogério tourei recente alternativa, dá um par bom. Palmas. Robredo dobra-se bem, e com vista, mas sofre um desarme, que outra coisa não sabe fazer o touro. Depois toureira por alto, e alto aqui, que a tarde vai aborrecida, e mais não dá para a pena o touro, nem a corrida.

«EL TERRIBLE PEREZ



Maria Helena Leite, uma senhora que revela notáveis qualidades de artista como pintora, honra-nos hoje com um admirável desenho que recorda o ausente desta corrida de ontem Augusto Gomes, nuno das suas «manoleínas». A circunstância de ter a empreza do Campo Pequeno contratado os novilheiros José Luis Vazquez e Robredo impediu-a de incluir o português Augusto Gomes que na Venezuela, Columbia e no Peru, vem de obter autênticos êxitos. Poder-se-iam ter dado oito touros se a tal se não se opuzesse o regulamento, ainda que aconteça como aconteceu, um único cavaleiro se presta a tourear, a-pesar-de ter perdido o seu melhor cavalo, o «Bombita». Mas não lhe aconteceu como na copla. «Que tienes que tanto lloras, contrabandista valiente? ¿Se ha muerto mi caballo, se acabaron mis glorias». As glorias de Simão continuam.



O Velho Ginásio Clube festejou o 72.º aniversário

CADA vez se desenvolve mais entre portugueses o gosto pelos desportos clássicos. E a ginástica, considerada uma das células mais aristocráticas da Educação Física, venceu definitivamente todas as barreiras, até mesmo aquelas que se consideravam intransponíveis: — a conquista da mulher. Hoje, as senhoras procuram interessar-se e valorizam com a sua presença e a sua graça os espectáculos desportivos, exibindo mesmo admiráveis faculdades de adaptação aos diversos jogos praticados pelo país fora, mas especialmente em Lisboa e Porto, centros primários e sempre prontos para a luta.

Por isso não surpreende que ao cabo de 72 anos de gloriosa actividade tivesse conseguido o Ginásio Clube Português demonstrar que não se perdeu o seu trabalho. Durante uma semana inteira frequentaram os seus bem arrumados salões de Serpa Pinto algumas centenas de praticantes e de admiradores, e da disciplina dos conjuntos ou da competência dos professores, como do belo espírito directivo da gerência ginasista, — todos colheram as melhores impressões.

Belo esforço do Ginásio Clube. Dêle se trata agora, por festejos um ano mais, e por nos garantir, através de festa surpreendente, que é forte a sua capacidade, indiscutível o seu esforço, — expansiva e honesta a sua carreira em favor da mais útil das modalidades.

E antes de se dizer que esta festa, que levou de segunda a sábado, ganhou aplausos entusiásticos e grais, aponte-se também que a ginástica val ter o seu Congresso europeu, em Lisboa, de 7 a 12 de Junho. O Congresso da Federação Internacional de ginástica Ling, sob o alto patrocínio da Direcção Gerar de Desportos, terá em Portugal bons e inteligentes defensores.

Teses para o Congresso:

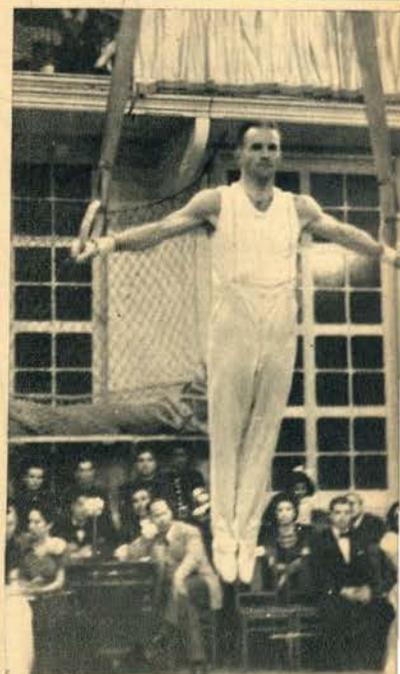
— comunicações sobre a ginástica geral e correctiva; escolar e associativa; exposição internacional de livros, revistas, fotografias e film de ginástica; demonstrações práticas de ginástica educativa e excursões e visita.

Teremos em Lisboa uma boa equipa sueca, que se apresentará num sarau de gala. E as melhores equipas nacionais — uma espécie de selecção.

Dito isto — voltamos ao Ginásio. Divagamos para não se perder esta notícia que revolucionará a nossa Educação Física, felizmente amparada pela iniciativa dos clubes especializados. Que todo o auxilio lhes seja dado, por quem se direito. O verdadeiro desporto amador — a verdadeira «chama» o melhor sentido das responsabilidades, pertencem a estes organismos, infelizmente poucos. Custa bastante, na verdade, passar 72 anos a trabalhar pelos desportos menos remunerados...

Mas remuneração bastante conseguiu o velho e glorioso Ginásio Clube, nesta última semana! A sua classe olimpica, orientada por David Ballerstedt, um «gentleman», ou por Tschudt — arrancou grais aplausos; as senhoras da ritmica de *franklein* Liesel, foi vista com agrado; os garotos de 5 e 7 anos de Curt Johanson, maravilharam por o seu labor pedagógico; a mesa alemã, onde Fernando Ferreira pôde impôr as suas qualidades de professor — emocionou; e, como sempre, a classe de senhoras de Johanson, deu provas de saber, seriedade, perfeição. O Ginásio, nos últimos anos, orgulha-se da sua classe de senhoras. Depois — surgiu um leve desanimo, talvez motivada pela ausência de Schewartz. Pois agora, o Ginásio Clube voltou a ter a sua classe.

Bravo! Merece sinceros parabens o professor Curt Johanson. E, evidentemente, o septuagésimo Ginásio Clube...



Aspectos do sarau do Ginásio: — Em cima, a equipa de senhoras dirigida pelo professor sueco Curt Johanson, que tem demonstrado excelente classe. A seguir — à esquerda, um exercício sobre a trave, por duas senhoras da mesma classe; ao lado David Bellestedt, nas paralelas, vindo-se depois a classe de *franklein* Liesel, em ritmica. Ao fundo, as crianças de ambos os sexos, de 5 aos 7 anos, em ginástica pedagógica

REGRESSO DO BENFICA

Parece que o ciclismo vai entrar numa nova fase. Ainda bem. Desporto de riquíssimas tradições, era realmente pena que não conseguisse vencer a grave crise que o atormentava.

O entendimento que preconizámos entre os clubes já se verificou. Sporting e Benfica chegaram a acordo e em consequência dele será possível aos «encarnados» apresentarem uma boa equipa de independentes. O Sporting, facilitando o regresso do Benfica, e o Benfica dispondo-se a dar ao ciclismo o apoio da sua extraordinária expansão — prestaram o melhor serviço de todos os tempos à modalidade. Agora, sim, podemos começar a olhar sem apreensões o futuro do ciclismo. A luta Benfica-Sporting não deixará de provocar o entusiasmo do público e o resto virá depois. A «volta a Portugal» com os dois clubes representados por «ases» fará o que então ainda faltava.

Segundo as afirmações que nos chegam, o Benfica apresentará José Martins, João Rebelo, Império dos Santos, Júlio Mourão e Manuel Rocha. É incontestavelmente uma bela equipa. Mas o Sporting, com João Lourenço, Custódio dos Reis, André Charroin e Eduardo Lopes, dispõe de um lote capaz de dar luta igual aos benfiquistas.

Espera-se que o Desportivo da Cova da Piedade tenha Jorge Pereira, Baltasar Rocha (?) e alguns dos rapazes que eram do Lisgás.

O Sangalhos prepara uma grande surpresa...

O acto de posse dos novos dirigentes da F. P. C. revestiu-se de brilho. Muita gente: dirigentes antigos e actuais, corredores, representantes da imprensa, etc.

Presidiu o sr. coronel Sacramento Monteiro, illustre Director Geral de Desportos, ladeado pelos srs. Dr. Salazar Carreira, Inspector de Desportos, e o director do «Mundo Desportivo», sr. Raul de Oliveira.

O director do «Mundo Desportivo» apresentou uma sugestão interessante. Voltaremos ao assunto — porque vale a pena.

As provas de populares merecem-nos a maior simpatia. Vimos, com agrado, a corrida Lisboa-Paredes e volta (81 quilómetros), disputada no domingo, 20 concorrentes. Bons resultados. Boa organização. Apareceram o Benfica, o Sporting, o Lisgás, o C. A. C. O., o Arroios — o Marconi, o Liberdade e o Paredes.

Vencedor: Fortunato Pereira, do Lisgás. Em 1 h. 0 m. 11 s. e à média de 30,905. Este rapaz evidenciou boas qualidades. Deve ir longe.

O vento, de frente à ida, prejudicou os concorrentes. Para cá compenhou bem. Veja-se: 37 m. de Lisboa à Paredes; 23 m. 11 s. da Paredes a Lisboa. Menos 13 m. 49 s., o que é importante.

No domingo há outra corrida de populares.

Manuel Mota

MOSAICOS nortenhos...

Relações luso-galegas

Os desportistas portuenses aceitaram com muito entusiasmo a notícia de se haverem realçado as boas relações entre o seu principal clube e o Celta. Em princípio, parece que o caso não tem importância de qualquer natureza. Mas não é assim.

O futebol portuense teve sempre uma rede de ligação com os clubes de Vigo e da Corunha. O Real Vigo, o Pontevedra, o Desportivo da Corunha, o União de Vigo ou o Real Fortuna, com a sua admirável corte de jogadores, passaram muitas vezes pelo Porto, ora jogando contra os campeões, ora enfrentando o Salgueiros, o Boavista, o Progresso, a Selecção do Porto...

Os desafios contra as equipas espanholas, — de Salamanca, de Sevilha, de Madrid, mesmo de Múrcia, impressionavam sempre os desportistas locais. E dos arredores. Do Porto também se deslocavam equipas para Espanha. As selecções Porto-Astúrias e Porto-Vigo estiveram no calendário. Sempre de maneira a corresponder aos anseios da gente que admira o futebol.

Assim, este encontro Celta-Porto, efectuado recentemente em Vigo, não podia deixar de satisfazer e de ser aplaudido pelos mais destacados dirigentes das duas cidades.

A embaixada portuense foi muito bem recebida na capital galega. Deslocaram-se para ali os presidentes da A. F. do Porto e do F. C. do Porto. As festas, em Vigo, foram simpáticas, e a elas corresponderá o clube desta cidade quando os celtistas retribuírem a visita.

A jornada merece por isso inteiramente aplausos. Quem a organizou deve sentir-se contente, visto que a cidade do Porto precisa de estender as suas relações e de criar novos atractivos para a sua gente. As visitas periódicas do Sporting, do Benfica ou do Belenenses têm um sabor especial, já se sabe. E' o campeonato, o título, a classificação...

Mas as visitas de equipas espanholas, com o seu cunho «internacional», — e muito especialmente os clubes da zona galega, — não deixam de ser estimadas e apetecidas. As boas relações com o Celta, então, correspondem a um desejo muito simpático da nossa gente.

Oxalá se não perca a oportunidade. Não se perderá, com certeza. Em Vigo fizeram-se afirmações nesse sentido, e portugueses e espanhóis souberam compreender a vantagem destas relações, que noutras épocas ajudaram a expandir o futebol em todo o Norte do país.

Talvez não seja arrojado afirmar que um pouco da classe portuense haja nascido no intercâmbio que durante épocas se estabeleceu. Pois não se esqueça isso... Pela nossa parte, aproveitámos esta jornada simpática que portugueses e espanhóis nos quiseram proporcionar.

proeza indica-nos a boa forma dos azuis brancos. No entanto, o torneio regional é longo; estão muitos clubes inscritos — e daqui até o lavar dos cestos é vinda...

ESTAMOS a rever resultados que nos apontem a expansão das modalidades pobres. O andebol é uma delas. Ora, o andebol, no Porto, conta com uma colectividade: — o Vigoroso. O F. C. do Porto está muito a distância das épocas passadas. O Vilanovense, ainda assim, é bom segundo.

Na verdade — e é pena — o andebol portuense perdeu em confronto. Acabou-se. Lisboa deve ter tomado, definitivamente, o comando...

FALE-SE do ténis de mesa — com interesse relativo; do vôlei-bol — que não está agora na sua melhor fase; e do hóquei em patins — filho de classe em relação à capital.

Faz-se alguma coisa. Pouco. E' preciso agitar o melo. Faça-se desporto!

PARECE ter esquecido a eliminação do F. C. do Porto. A cidade também se esqueceu da prova, segundo se julga, e apenas os defensores entusiastas do Vesco da Gama procuram manter-se no torneio com a sua habitual boa vontade.

A sua tarefa será difícil. No entanto, confiam os portuenses no seu valor. O campeão do Porto, embora desacompanhado, procurará cumprir com as suas obrigações.

Quanto à eliminação do F. C. do Porto, não vale a pena falar nisso. A Federação assim o determinou. E mais alguém. A disciplina é intangível, e a F. P. B. B., competente e imparcial, não esteve com «meles medidas...» O F. C. P. não o esquecerá, igualmente, mais hoje mais amanhã...

O CELTA de Vigo leve sempre as melhores relações com o campeão portuense. Voltaremos a ver nos nossos campos o simpático campeão da Galiza, o velho «team» de Passarin, Ramon Gonzalez, Polo, Isidro...

Os portuenses fizeram a primeira visita à cidade galega, e perderam por 4-3. Se considerarmos o facto do campeão regional não possuir equipa famosa, ainda por cima desfalçada de Araújo, temos de concordar que a derrota aplicada pelos pupilos de Zémora não foi dura.

Assim, julgaremos que o desafio marcado para o dia 10 de Junho, na cidade capital do Norte, talvez forneça um resultado mais favorável.

Seja como seja, os jogos Porto-Celta agraderão muitíssimo aos nossos admiradores da bola. O F. C. P. foi bem recebido na Galiza. Várias festas se promoveram. Pois aqui se deverá fazer a mesma coisa.

DOMINGO passado toda a gente leva os olhos postos no encontro internacional Portugal-França, em Paris. Poucos desajustes se efectuaram no Porto. Esperava-se o «goal» de Araújo...

Domingo próximo, veremos o Estoril nesta cidade, enquanto o F. C. do Porto se deslocará para Lisboa. Só poderemos desejar boa sorte aos grupos locais. Mas é tão difícil...

O ÓQUEI continua no seu ramerrão. Mas o óquei em campo, evidentemente. O F. C. do Porto venceu o Ramaldense e este

A propósito do banquete de homenagem

oferecido a Frederico Carlos Senna Cardoso

fala-se do que o desporto lhe deve em jornais, prémios e fotografias

Uma colecção fotográfica digna de museu

Na Casa das Beiras, realizou-se, há dias, um banquete a que devemos uma referência mais ampla, — o banquete de homenagem a Frederico Carlos Senna Cardoso, no dia em que completou 75 anos. Mas o homenageado foi também distinguido como antigo desportista. A representação de gente do desporto esteve, porém, redolida a figuras da velha guarda. É por isso que nos sentimos com a obrigação de falar alguma coisa de Senna Cardoso, recordando, com saudade, o que o desporto lhe deve, em entusiasmo, especialmente no que respeito à imprensa.

Dentro deste objectivo, prezamos registar que o Sr. Frederico Senna Cardoso, herdeiro de uma casa de venda de artigos de desporto, a velha Casa Senna, soube ser ao mesmo tempo comerciante — e desportista. Praticou vários desportos. Foi ciclista entusiasta. Passou pelos quadros directivos de várias colectividades. Estimulou, em diferentes vezes, a propaganda dos desportos. O seu papel mais importante ficou, no entanto, ligado à imprensa da especialidade e à reportagem gráfica do desporto.

Por todo isto, que tem mais de quarenta anos, o «Século», por ocasião da I Exposição Histórica do Futebol, sua iniciativa, em 1938, referiu-se a Senna Cardoso nos seguintes termos:

«Veterano jogador, e desportista dos primeiros tempos, foi, nos começos deste século, um admirável fotógrafo desportivo, enriquecendo as páginas do *Tiro e Sport* com excelentes reportagens!»

Uma série de três jornais

O primeiro jornal a que Senna Cardoso dispensou, por si ou pelo Salão de Jogos a que pertencia, valioso auxílio, foi o «Tiro Civil», editado pela Casa Senna. Começou a publicar-se em 7 de Março de 1895, sendo o primeiro jornal desportivo a publicar-se com regularidade, em Lisboa. Apresentou-se como órgão da União dos Atiradores Civis e Caçadores Portugueses. Em 15 de Maio de 1897, passou a dedicar-se a outros desportos. Anselmo de Sousa apareceu depois como proprietário e redactor.

Em 1903, Senna Cardoso pensou no outro jornal e convidou o Dr. José Pontes, então aluno da Escola Médica, para chefe de redacção. Fandou-se assim, a «Revista de Sports», como quinzenário ilustrado de desportos. O primeiro número saiu em 5 de Julho do indicado ano. Era impressa em papel «coaché» e in-

seria muitas gravuras de provas e de desportistas. Senna Cardoso e Pinto da Cunha figuravam como directores. Foi uma publicação excelente, para a época.

Publicou-se apenas até 30 de Dezembro do mesmo ano, data em que noticiou a sua fadiga com o «Tiro Civil», para dar lugar ao «Tiro e Sport», que se aguentou durante muito tempo, chegando a 1913, pelo menos. Estava



Frederico Carlos Senna Cardoso

nas intenções de «Revista de Sport» criar duas edições — uma em papel «coaché», e outra em papel mais fraco. Não sabemos, porém, se se fizeram as duas edições.

O «Tiro e Sport» saía pela primeira vez em 15 de Janeiro de 1904, com o n.º 274, que correspondia ao número do «Tiro Civil» que devia ser publicado naquela data. Do cabeçalho constavam os seguintes indicações: Anselmo de Sousa, director; Pinto da Cunha, redactor; Eduardo Noronha, secretário da redacção; e Senna Cardoso, redactor gerente. Mais tarde, passou a incluir apenas dois nomes — Senna Cardoso, director proprietário, e Duarte Rodrigues, director técnico.

Nas três publicações, Senna Cardoso foi, principalmente — financiador, gerente e fotógrafo.

Uma colecção de museu

Como amador fotográfico, realizou Frederico Senna Cardoso uma obra admirável cujo valor subsiste ainda. Brilha em tudo quanto podia valorizar os seus recursos de artista e repórter — escolha do material, excelência da visão, a-proósito da intervenção, apuro das provas e composição artística de cada página, nos diferentes revistas por onde passou. Foi um artista ao serviço do desporto.

O «Século», no número a que

V- José Carvalhosa

Antes que começassem a revelar-se as qualidades de concursista do capitão José Carvalhosa, o cavaleiro internacional de que hoje nos ocupamos, já eram sobejamente conhecidas as suas possibilidades desportivas mercê da actividade nos desportos atléticos, nos quais brilhou, representando o Sporting Clube de Portugal.

Certo dia trocou os seus sapatos de pregos pelas botas altas de cavaleiro, e se até ali se tornara conhecido no país, a sua firma passou depois a linha da fronteira, graças aos seus triunfos no campo internacional.

A sua primeira vitória hípica data já de há longos anos, mas as primeiras de vulto surgiram em 1939, quando, com a «Fossette» e a «Saudade», ganhou, uma a uma, todas as provas do Concurso de Mafra.

Como se a proeza não fosse mais do que suficiente para nos provar as suas magníficas qualidades de concursista, José Carvalhosa não deixou terminar essa época sem que conseguisse mais duas vitórias em Cascais, três nas Caldas e igual número na Figueira da Foz.

A sua «Fossette», cujo «palmarés» José Beltrão iniciara com êxito, estava então no apogeu e José Carvalhosa soube aproveitar-lhe a forma e as qualidades para também a fazer ocupar o 1.º lugar da classificação em numerosas provas.

O «conjunto» impôs-se, não só entre os concorrentes, como no público, que se habituou aos seus



José Carvalhosa

triunfos, principalmente no decorrer das provas de força. Rara foi a «Taça de Honra» que lhe escapou e raras vezes José Carvalhosa deixou de alinhar entre os classificados nas diversas competições em que se inscrevia.

No ano seguinte o distinto cavaleiro foi deabalado até Madrid, integrado na equipa nacional que, com brilho, ali obteve a «Taça de Ouro da Península» e um conjunto de classificações notável.

Assim conquistou os seus espólios de internacional.

Também em Madrid, em 1943, ganhou a «Diputación Provincial» a clássica «Omnium» do certame, em concorrência com um numerosíssimo lote de magníficos cavaleiros.

Antes vencera várias provas em Lisboa, Cascais, Carcavelos e Mafra, e nesse mesmo ano empolgou a numerosa assistência que no Campo do Jockey assistiu à disputa da «Taça de Honra», durante a qual saltou 1,95 m. com a magnífica «Fossette».

Depois de um afastamento de um ano, por serviço militar nos Açores, o capitão Carvalhosa regressou às lides desportivas, desta vez montando os irlandeses «Zuari» e «Tete», animais de características diferentes, o que pôs de novo em destaque as suas faculdades e o seu poder de adaptação. Voltou a Madrid, onde se classificou bem; ganhou o «Grande Prémio» do Porto, a «Caça» de Mafra, as provas «Estrangeiros» e «Torres Novas» e contribuiu para nova vitória de Portugal na «Taça de Ouro da Península».

Montando «Unicante», o nosso biografo ganhou, em 1941, o Campeonato do Cavalo de Guerra.

A lista dos seus numerosíssimos triunfos regista quarenta vitórias, das quais referimos as mais importantes.

A estas, outras se seguirão, porque José Carvalhosa não renuncia às suas qualidades de cavaleiro e de concursista. Há que contar com a sua actuação futura.

já nos referimos, resumia a sua obra deste modo:

«O primeiro torneio jogado entre clubes, para disputa do bronze *Viúva Alexandre Senna* (oferecido pela Casa Senna), nos terrenos da Cruz Quebrada, a cuja final assistiu o falecido rei D. Carlos, está documentado nesta exposição em algumas magníficas fotografias do sr. Senna Cardoso».

E dos desafios da Liga de Futebol, nos tempos do Campo Pequeno, em que se jogava de calças e com duas pedras a servir de balizas, os primeiros jogos no campo de Alcântara, onde hoje estão instaladas as oficinas da Câmara Municipal, e toda essa geração de futebolistas de há trinta e quarenta anos, estão registados no interessante e valioso documentário que o activo e inteligente proprietário do Salão de jogos desportivos, da Casa Senna, forneceu à Exposição!

A obra de Senna Cardoso não se limita, porém, ao futebol. Estende-se a todos os desportos — e a todas as figuras de relevo. É uma colecção notável como documentário. Era por isso digna de museu — do Museu de Desportos, que podia estar já constituído, mas que não passa ainda de simples aspiração.

Mário de Oliveira

Antas Teixeira



EMBORA VENCIDOS

os Portugueses

CEDERAM PERANTE UM ADVERSÁRIO DE COMPROVADA CLASSE

A selecção portuguesa que perdeu em Colombes por um-zero. No primeiro plano da esquerda para a direita: Jesus Correia, Araújo, Peyroteo, Travassos e Rogério. No segundo plano pela mesma ordem: Carlos Canuto, Azevedo, Feliciano, Serafim, F. Ferreira, Amaro e Cardoso



No treino de sexta-feira, as habituais voltas ao campo de treino de Colombes

Antes de principiar o jogo, mister Barrlick, arbitro, Alvaro Cardoso e Courtois, capitão, e os juizes de linha Carlos Canuto (português) e R. Boes (francês) assistem à troca de galhardetes

Vendo-se na presidência o sr. eng. Mascarenhas de Menezes, os jogadores almoçam no HOTEL LUTETIA, conversando alegremente e no meio de franca camaradagem



Um aspecto geral da partida numa altura em que os portugueses organizaram uma contra-ofensiva